

Fantasma da fome assombra 11 milhões e desafia Dilma

(Ana Carolina Utsch)

TRANSIÇÃO Em 2009, faltou o que comer pelo menos um dia em 5% dos domicílios brasileiros, expondo os efeitos da pobreza que a presidente eleita se propõe a erradicar do país



Não foi à toa que a presidente eleita Dilma Rousseff, em seu primeiro pronunciamento, logo após ter sido declarada eleita, reforçou seu compromisso de erradicar a pobreza no Brasil. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) da Segurança Alimentar revelou que a preocupação sobre se haverá ou não o que comer caiu nos últimos anos, mas ainda rondava 30,2% dos domicílios brasileiros em 2009 — eram 34,9% em 2004. Segundo os dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano passado, 65,6 milhões de pessoas tiveram esse tipo de medo ou mesmo alguma restrição alimentar. Para 11,2 milhões de pessoas (5% dos domicílios), o que corresponde a aproximadamente a população da cidade de São Paulo, o quadro era mais grave: eles ficaram sem comer em pelo menos algum dos 90 dias anteriores à realização da pesquisa. O IBGE trabalha com três graus de insegurança alimentar, que ocorre quando a quantidade ou a qualidade dos alimentos é considerada insuficiente. A insegurança leve, que afeta 40 milhões de brasileiros, considera a preocupação sobre a falta de comida e qualidade inadequada dela; a moderada, sentida por 14,3 milhões de pessoas, está relacionada à redução da quantidade de alimentos entre adultos; e a grave ocorre quando se constata a redução da quantidade de alimentos entre crianças e situação de fome para qualquer membro da família, atingindo 11,2 milhões de cidadãos. A pesquisa mostrou ter havido evolução da segurança alimentar no Brasil, ou seja, a certeza do brasileiro de que não passará fome. De 2004 a 2009, mais 7 milhões de pessoas passaram a se alimentar com regularidade, o que mostra um avanço de 40% no combate à fome em cinco anos, mas ainda aquém da solução definitiva do problema, como pretende Dilma Rousseff. O percentual de domicílios onde é comum faltar comida caiu de 7% para 5%, sendo a escassez de alimentos predominante no Nordeste do país e nas zonas rurais. A primeira reunião de Dilma sobre políticas públicas para o próximo governo foi com 30 especialistas de programas de combate à pobreza. A presidente afirmou, durante o encontro, que o resultado das políticas atuais é positivo, mas reconheceu que é preciso ir além, criando e implantando projetos que deem conta da complexidade do problema no país. O secretário executivo do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Rômulo Paes de Souza, defendeu os programas executados pela pasta e lembrou que a pesquisa mostra que os grupos sociais vulneráveis passaram a ter mais comida em casa. O secretário participou da reunião com Dilma e está seguro quanto ao

compromisso do próximo governo com as políticas de erradicação da pobreza. “Até agora, colhemos os frutos mais fáceis. O desafio é colher todos”, afirmou o Souza. Segundo ele, a segurança alimentar cresceu, sobretudo, entre as famílias com renda inferior a meio salário mínimo, em função dos programas de transferência de renda, como o Bolsa Família. O aumento do emprego formal e do piso salarial nacional também reforçaram a melhora à mesa. Rômulo Paes lembrou que a desnutrição no Brasil caiu de 14%, em 1996, para 4,5% em 2006. Rômulo Paes fez questão de comparar os índices brasileiros com os do México e dos Estados Unidos, países que utilizam a mesma metodologia para avaliar a segurança alimentar. Segundo ele, os números do Brasil estão mais próximos dos níveis americanos do que dos mexicanos. “O Brasil apresenta 70% de segurança alimentar, o México 38%, e os Estados Unidos 85%”, afirmou. O especialista da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcelo Neri concorda com a afirmação do secretário e mencionou estudos da entidade indicando que a redução da miséria teria sido menor sem os investimentos no Bolsa-Família. Pesquisas da FGV mostram também que as famílias gastam o dinheiro do benefício com a compra de alimentos. Neri considera o aporte pequeno, cerca de 0,4% do Produto Interno Bruto (PIB), diante dos 25% de milhões de brasileiros atendidos. Bolsa-Família 2.0 Para Marcelo Neri, chegou a hora de avançar na erradicação da pobreza, criando o que ele chama de Bolsa-Família 2.0. Segundo o especialista, a ordem deve ser não só acabar com a fome mais urgente, mas avançar na erradicação da miséria, criando expectativas para as famílias. “É preciso priorizar saúde e educação, para que as pessoas comecem a pensar no futuro e não só no presente”, destacou. INSEGURANÇA ALIMENTAR EM 2009 65,6 milhões de brasileiros tiveram medo da fome ou sofreram algum tipo de restrição alimentar 11,2 milhões de pessoas passaram fome pelo menos um dia no ano passado 30,2% dos domicílios brasileiros conviviam com a preocupação sobre se haveria ou não o que comer 17,5% dos domicílios chefiados por mulheres eram afetados pelo temor de que faltasse alimentos 11,5% das famílias chefiadas por homens temiam a restrição alimentar